

JUSTINIANO E TEODORA

Juvino Alves MALA JUNIOR

Resumo: O século VI é marcado pela predominância do Império Bizantino na política e cultura do decaído Império Romano. Constantinopla é a capital do mundo, sucessora de Roma; a língua oficial e de cultura é o grego; a religião oficial é o cristianismo. As tradições romanas sobrevivem na herança política dos novos dirigentes, que tentam reconduzi-las sob um novo ponto de vista. Justiniano e Teodora assinalam uma página na história, através de Procópio, cronista e historiador, que ousou definir o caráter da imperatriz, representante do mundo cristão, descrevendo suas curiosas aventuras, que culminaram elevando-a ao mais alto posto de uma hierarquia estratificada.

Palavras-chave: *História – Justiniano – Teodora.*

Justiniano nasceu próximo às ruínas de Sárdica, atual Sófia, capital da Bulgária, por volta de 482 da era cristã. Deixou a vila de agricultores e pastores para aventurar-se na capital do Império, Constantinopla, com a ajuda e incentivo de um conterrâneo e parente, Justino, que viria a ser Imperador, por mérito de valor bélico e principalmente por astúcia política.

Por casualidades que só o destino dos reis pode explicar, essas duas personagens tornaram-se figuras de destaque na corte, sobrevivendo às tramas e insídias palacianas e eliminando com dolo e arte os inimigos e amigos mais próximos.

Depois de várias conspirações, execuções e exílios, Justiniano torna-se cônsul e finalmente é coroado, em 527, pelo próprio Justino, que sobreviveu ainda por quatro meses.

Desde então, Justiniano governou até 565, por trinta e oito anos, sete meses e treze dias, segundo Gibbon (1987). Suas façanhas militares não se comparam às do seu tio Justino, mas, como sempre, o destino provê as faltas de um espírito assinalado: Belisário foi seu grande general nos campos da Europa, da

África e da Ásia, chegando a reconquistar a maior parte do decaído Império Romano que um imperador poderia alcançar.

Segundo alguns, os deuses vendem quando dão. Em 523, Justiniano casa-se com Teodora, mulher misteriosa, de origem obscura, que veio a se tornar tão influente nas decisões do Império quanto o próprio imperador. Na verdade, a imperatriz exerce o poder secular e religioso tanto quanto seu marido, segundo relata um retórico, secretário de Belisário, chamado Procópio, cuja obra reflete uma crônica dessa época, de acordo com favores ou desgraças, coragem ou medo a que as relações palacianas submetem irremediavelmente.

No exercício do poder supremo, o primeiro ato de Justiniano foi dividi-lo com a mulher que ele amava, a famosa Teodora, cuja estranha elevação não pode ser aplaudida como virtude feminina.

Sob o reinado de Anastásio, o cuidado das feras selvagens mantidas pela facção verde em Constantinopla era confiado a Acácio, um nativo da ilha de Chipre que, pela sua função, foi apelidado de o mestre dos ursos. Este honrado cargo foi dado, após sua morte, a outro candidato, não obstante a diligência de sua viúva, que já se tinha provido de um marido e de um sucessor.

Acácio tinha deixado três filhas: Comito, Teodora e Anastácia; a mais velha das quais não excedia ainda a idade de onze anos. Em um festival solene, essas desamparadas órfãs foram enviadas por sua aflita e indignada mãe, em traje de suplícantes, ao meio do teatro; a facção verde recebia-as com desdém, os azuis, com compaixão. E esta diferença, que marcou de fato a mente de Teodora, foi sentida muito depois na administração do império. Como elas se desenvolviam em idade e beleza, as três irmãs eram sucessivamente consagradas aos prazeres públicos e privados do povo bizantino. Teodora seguia ao palco com suas irmãs, vestidas como escravas, com um tamborete na cabeça, com permissão para exercer independentemente seus talentos. Ela nem dançava, nem cantava, nem tocava flauta; sua

habilidade se restringia à arte da pantomina. Ela se excedia em bufonarias: inflava suas bochechas e queixava-se com um tom ridículo e gestos de golpes que lhe eram infligidos; todo o teatro de Constantinopla ressoava com gargalhadas e aplausos.

A beleza de Teodora era tema de louvor mais lisonjeiro e fonte de deleite mais delicado. Suas feições eram delicadas e regulares, sua compleição, apesar de algo pálida, tinha matiz de uma cor natural, toda sensação era instantaneamente expressa pela vivacidade de seus olhos, seus movimentos fáceis expunham a graça de uma pequena, mas elegante figura; e tanto amor quanto adulação podiam declarar o que a pintura e a poesia foram incapazes de delinear quanto à inigualável excelência de sua forma.

Mas essa forma era degradada pela facilidade com que era exposta ao olhar público e com que era prostituída ao licencioso desejo. Seus encantos venais eram entregues a uma promíscua multidão de cidadãos e estrangeiros, de todo nível e de toda profissão: o afortunado amante a quem fora prometida uma noite de prazer era freqüentemente desviado da cama dela por um favorito mais forte ou mais rico. E quando ela passava pela rua, sua presença era evitada por todos que desejavam escapar tanto do escândalo quanto da tentação.

Segundo Procópio, Teodora, depois de exaurir as artes do prazer sensual, murmurava muito desgostosamente contra a parcimônia da Natureza; mas seus murmúrios, seus prazeres, suas artes devem ser velados na obscuridade de uma linguagem versada:

Ἡ δὲ κὰκ τῶν τριῶν τρυπημάτων ἐργαζομένη ἐνεκόλει τῇ φύσει, δυσφορομένη ὅτι δὴ μὴ καὶ τοὺς τιθοὺς αὐτῇ εὐρύτερον ἢ νῦν εἰσι τρυπήτη, ὅπως καὶ ὄλλην ἐνταῦθα μίξιν ἐπιτεχνᾶσθαι δυνατὴ εἶη.

Ela, trabalhando os três orifícios, irritada, censurava a natureza, porque não fazia orifícios nas tetas dela ainda mais amplos do que são agora, de modo que ela fosse capaz de maquinhar outra cópula ali.
[História Arcana, IX, 18, 1]

Procópio, satírico historiador, não ruborizava ao descrever as cenas de nudez que Teodora não se envergonhava de exibir no teatro:

“ Οὐτω μέντοι τοῦ σχήματος ἔχουσα, ἀναπεπτωκυῖά τε ἐν τῷ ἐδόφει ὑπτία ἔκειτο· θῆτες δέ τινες, οἷς δὴ τὸ ἔργον τόδε ἐνέκειτο, κριθῶς αὐτῇ ὑπερθεν τῶν αἰδοίων ἐρρίπτουν, ὡς δὴ οἱ χῆνες, οἱ ἐς τοῦτο παρεσκευασμένοι ἐτύγγανον, τοῖς στόμασιν ἐνθένδε κατὰμίαν ἀνελόμενοι ἦσθιον.

Assim então deixando o hábito, deitada no chão, jazia de costas; uns escravos, aos quais cabia esse trabalho, lançavam sementes sobre as vergonhas dela, e os gansos, que para isso se achavam preparados, tendo pegado com os bicos uma a uma, as comiam.

Após viver por algum tempo com deleite e com desdém da capital, ela concede acompanhar Ecebolo, um nativo de Tiro, que tinha obtido o governo de Pentápolis na África. Mas essa união era frágil e transitória: Ecebolo logo rejeitava uma concubina cara e infiel; ela foi reconduzida a Alexandria em extrema tristeza, e em seu laborioso retorno a Constantinopla, cada cidade do oriente admirava e apreciava a justa Cípria, cujo mérito aparecia para justificar sua descendência da peculiar ilha de Vênus, confundindo-se a deusa, que segundo a tradição era natural de Chipre, com a filha do cipriota Acácio.

O obscuro comércio de Teodora e as mais detestáveis precauções preservam-na do perigo que ela temia: uma só vez, uma só vez apenas, ela tornou-se mãe.

A criança foi salva e educada na Arábia por seu pai, que em seu leito de morte partilhou com o filho o segredo sobre sua origem: ele era filho de uma imperatriz.

Cheio de ambiciosas esperanças, o insuspeito jovem imediatamente precipitou-se ao palácio de Constantinopla e foi admitido à presença de sua mãe. Ele nunca mais a viu; assim, mesmo depois do falecimento de Teodora, ela merece a inde-

cente imputação de extinguir com sua vida um segredo tão ofensivo à sua imperial virtude.

No mais abjeto estado de sua sorte e reputação, uma visão, tanto de sono quanto de fantasia, tinha sussurrado a Teodora a agradável garantia de que ela fora destinada a tornar-se a esposa de um potente monarca.

Cônsua da aproximação de sua grandeza, ela retornou da Paflagônia a Constantinopla; assumiu, como uma habilidosa atriz, um caráter mais decente, aliviou sua pobreza pelo louvável engenho de tecer a lã. Afetou uma vida de castidade e solidão em uma casa pequena, que ela depois transformou em um templo magnífico.

Sua beleza, assistida por arte ou acidente, logo atraiu, cativou e fiseou o patricio Justiniano, que já reinava com absoluto controle sob o nome de seu tio.

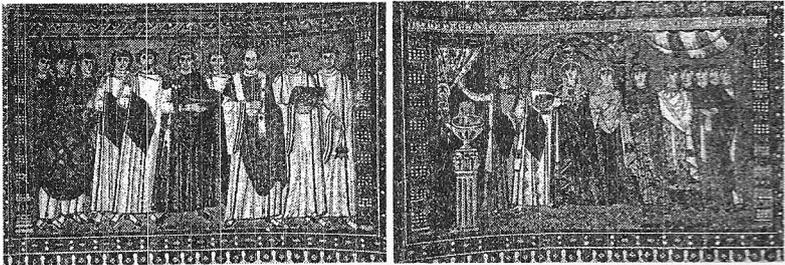
Talvez ela planejara realçar o valor de um dom que ela tinha tão freqüentemente desperdiçado com os mais pobres da humanidade; talvez ela inflamara, primeiro por modestas demoras e depois por sensuais atrações, os desejos de um amante que, por natureza ou devoção, era viciado em longas vigílias e dieta abstêmia.

Quando os primeiros arrebatamentos dele tinham baixado, ela mantinha ainda o mesmo ascendente sobre a mente dele, pelo mais sólido mérito de têmpera e entendimento.

Justiniano adorava enobrecer e enriquecer o objeto de sua afeição: os tesouros do oriente eram despejados a seus pés, e o sobrinho de Justino estava determinado, talvez por religiosos escrúpulos, a conferir à sua concubina o sagrado e legal caráter de esposa. Mas as leis de Roma proibiam expressamente o casamento de um senador com uma mulher que tivesse sido desonrada por uma origem servil ou profissão teatral: a imperatriz Lupicina ou Eufêmia, uma bárbara de rústicas maneiras, mas de virtude irreprochável, recusou aceitar uma prostituta como sua sobrinha; e mesmo Vigilância, a supersticiosa mãe de Justiniano, apesar de admitir o espírito e beleza de Teodora, estava seria-

mente apreensiva de que a leviandade e arrogância daquela artificiosa amante pudessem corromper a piedade e esperança de seu filho. Esses obstáculos foram removidos pela inflexível persistência de Justiniano. Ele pacientemente esperou a morte da imperatriz; ele menosprezou os temores de sua mãe, que logo sucumbiu sob o peso de sua aflição.

E uma lei fora promulgada, em nome do imperador Justino, que abolia a rígida jurisprudência da Antigüidade. Um glorioso arrependimento (palavras do édito) era deixado em aberto para as infelizes mulheres que tinham prostituído suas pessoas no teatro, e elas tinham permissão de contrair uma união legal com os mais ilustres dos romanos. Essa indulgência foi rapidamente seguida pelas núpcias solenes de Justiniano e Teodora; a dignidade dela foi gradualmente exaltada com a de seu amante. E tão breve quanto Justino tinha investido seu sobrinho da púrpura, o patriarca de Constantinopla pôs o diadema nas cabeças do imperador e da imperatriz do Oriente.



*Justiniano e Teodora com os membros de sua corte.
Mosaicos do século VI, San Vitale, Ravenna, Itália.*

Mas as honras usuais que a severidade dos modos romanos tinha permitido às esposas dos príncipes não podiam satisfazer nem a ambição de Teodora em o gosto de Justiniano: ele a assentou no trono como um igual e independente colega na soberania do império, e um juramento de obediência foi imposto aos governadores das províncias nos nomes conjuntos de Justiniano e Teodora.

O mundo oriental caiu prostrado diante do gênio e sorte da filha de Acácio. A prostituta que, na presença de inumeráveis expectadores, tinha poluído o teatro de Constantinopla, era adorada como uma rainha na mesma cidade, por graves magistrados, bispos ortodoxos, generais vitoriosos e monarcas cativos.

Aquele que acha que a mente feminina é totalmente corrompida pela perda de castidade dará ouvidos ansiosamente a todas as invectivas de particular inveja ou popular ressentimento, que dissimulou as virtudes de Teodora, exagerou seus vícios e condenou com rigor os pecados venais ou voluntários da jovem prostituta.

De um motivo de vergonha ou desdém, ela freqüentemente declinava a servil homenagem da multidão, fugia da odiosa luz da capital, e passava a maior parte do ano em palácios e jardins que se situavam agradavelmente no litoral da Propôntida e do Bósforo. Suas horas privadas eram devotadas ao prudente tanto quanto agradável cuidado de sua beleza, ao luxo do banho e da mesa e ao longo sono da noite e da manhã. Seus aposentos secretos eram ocupados pelas mulheres e eunucos favoritos, cujos interesses e paixões ela satisfazia às expensas da justiça: as mais ilustres personagens de estado eram apertadas em uma escura e abafada antecâmara; e quando afinal, depois de tediosa espera, eles eram admitidos para o beijo dos pés de Teodora, eles experimentavam, conforme seu humor pudesse sugerir, o silêncio arrogante de uma imperatriz ou a caprichosa frivolidade de uma comediante.

Sua avareza ávida por acumular um imenso tesouro pode ser escusada pela apreensão da morte de seu marido, que poderia não deixar alternativa entre a ruína e o trono; e temor tanto quanto ambição poderia exasperar Teodora contra dois generais que, durante uma doença do imperador, tinham precipitadamente declarado que não estavam dispostos a aquiescer na escolha da capital.

Mas a censura de crueldade, tão repugnante até para seus vícios mais leves, tinha deixado uma mancha indelével na memória de Teodora. Seus numerosos espiões observavam e zelosamente relatavam cada ação, ou palavra, ou olhar injuriosos

para a real patroa deles. Quem quer que eles acusassem era lançado em suas prisões peculiares, inacessíveis às inquirições da justiça, e havia rumor de que a tortura de cavalete ou açoite tinha sido infligida na presença de uma mulher tirânica, insensível à voz de súplica ou piedade. Algumas dessas infelizes vítimas pereciam em profundas masmorras infectas, enquanto a outros era permitido, depois da perda de seus membros, sua razão ou sua fortuna, aparecer no mundo, monumentos vivos da vingança dela, que comumente se estendia aos filhos daqueles de quem ela havia suspeitado ou sofrido injúria. O senador ou bispo, cuja morte ou exílio Teodora tinha pronunciado, era entregue a um verdadeiro mensageiro, e a diligência dele era acelerada por uma ameaça de sua própria boca: “Se você falhar na execução de minhas ordens, eu juro por aquele que vive para sempre que sua pele será esfolada de seu corpo”.

Se o credo de Teodora não tivesse sido contaminado com heresia, sua exemplar devoção poderia ter expiado, na opinião de seus contemporâneos, por orgulho, avareza e crueldade; mas se ela empregou sua influência para amenizar a fúria intolerante do imperador, o tempo presente concederá algum mérito à sua religião, e muita indulgência a seus erros especulativos.

O nome de Teodora foi introduzido com igual honra em todas as piedosas e caritativas instituições de Justiniano; e a mais benevolente instituição de seu reino deve ser atribuída à simpatia da imperatriz por suas menos afortunadas irmãs, que tinham sido seduzidas ou compelidas a abraçar o negócio da prostituição. Um palácio, no lado asiático do Bósforo, foi convertido em um majestoso e espaçoso mosteiro, e uma generosa manutenção foi designada a quinhentas mulheres que tinham sido tiradas das ruas e bordéis de Constantinopla. Em seu seguro e sagrado retiro elas eram devotadas ao confinamento perpétuo; e o desespero de algumas, que se atiravam de cabeça no mar, era perdido na gratidão dos penitentes que tinham sido livrados de pecado e miséria por suas generosas benfeitoras.

A prudência de Teodora é celebrada pelo próprio Justiniano, e suas leis são atribuídas aos sábios conselhos de sua muito reverenda esposa, que ele tinha recebido como um presente

da Divindade. A coragem dela era mostrada em meio ao tumulto das pessoas e os terrores da corte. Sua castidade, do momento de sua união com Justiniano, é edificada no silêncio de seus inimigos implacáveis; e apesar de que a filha de Acácio pudesse ser saciada com amor, algum aplauso ainda é devido à firmeza de uma mente que poderia sacrificar prazer e hábito ao sentido mais forte tanto de dever quanto de interesse.

Os desejos e súplicas de Teodora nunca poderiam obter a benção de um filho legítimo, e ela enterrou uma filha, a única prole de seu casamento. Apesar deste desapontamento, seu domínio era permanente e absoluto; ela preservava, por arte ou mérito, as afeições de Justiniano, e suas aparentes contendas eram sempre fatais para os cortesãos que as cria sinceras.

Talvez a saúde dela tenha-se enfraquecido pela licenciosidade da juventude; mas era sempre delicada, e ela era direcionada por seus médicos a usar os banhos mornos pítios. Nessa jornada a imperatriz era seguida pelo governador pretoriano, o principal tesoureiro, muitos condes e patrícios e uma esplêndida comitiva de quatro mil atendentes: as estradas eram reparadas à sua aproximação; e quando ela passava pela Bitínia, distribuía generosos donativos às igrejas, mosteiros e hospitais, para que eles pudessem implorar aos Céus pela restauração de sua saúde.

Finalmente, no vigésimo quarto ano de seu casamento e no vigésimo segundo de seu reinado, aos quarenta anos (548), ela estava consumida por um câncer; e a irreparável perda foi lamentada por seu marido, que, no quarto de uma teatral prostituta, pôde seleccionar a mais pura e a mais nobre virgem do Oriente.

REFERÊNCIAS

Edward Gibbon *The History of the decline and fall of the roman empire*. Vol. V, "Justinian and the roman law" (p. 60 – 65). London: The Folio Society, M CM LXXX VII.

www.xtec.es/~jarrimad/medieval/bizâncio/Justiniano.htm
acessado em 14/04/2004.